



## 14º. Domingo depois de Pentecostes (05/09/04)

Próprio 18

### 1ª leitura (Antigo Testamento) – Deuteronômio 30.15-20

Deus propõe o caminho da vida ou da morte. A vida depende da escolha (vs 19). Escolham a vida para que vivam! Esse mandamento não é muito difícil, nem está fora de alcance. A palavra da vida está na boca, bem perto (vs. 11). Aqui está o Evangelho. O autor não deixa de lembrar seus leitores dos atos salvíficos de Deus - a libertação do Egito e a passagem pelo deserto. Portanto, escolham a vida... É importante salientar sempre o que precede ao comando, ao imperativo, isto é, Deus criou as condições para a resposta, e está presente como quem ajuda e fortalece na caminhada pelo dom da vida.

Que é essa escolha: vida ou morte proposta a Israel? A morte é uma existência sem significação, sem relacionamento de comunhão e de alegria. É uma existência que, tendo tudo, não tem companhia, em última instância. É vida sem paz. A vida, em contraste, é a vida da comunhão na aliança, no pacto com Deus. As indicações dessa vida proposta por Deus podem ser observadas, por exemplo, compartilhar as condições de vida com os que não têm (Dt 14.29), preocupar-se com os endividados que se tornam escravos (15.1ss), não ser avarento, dar asilo aos fugitivos oprimidos e escravizados. A reflexão e opção pela vida incluem a observância de direitos humanos e da organização do Estado que não seja opressor, (17.14ss; 23.15ss; 24.14ss).

O texto nos traz bênçãos e maldições. Consta que elas faziam parte do formulário do tratado ou aliança assírio vigente na cultura daqueles dias. E Israel o absorveu. É um exemplo de que a Palavra de Deus nos vem por meio das palavras humanas. E a Palavra é Aquela que se fez carne em Jesus Cristo. (ST)

### 2ª leitura (Epístola) – Filemon 1-20

Falando sobre a natureza do poder - esta capacidade de fazer o que se quer mas que para cada vez mais ser o alvo de toda uma geração - Tirso de Molina dizia que "o poder imita o raio: ofusca e mata ao mesmo tempo". No texto da Epístola de hoje encontramos profundos ensinamentos para a igreja de Jesus. A profundidade e a importância deste texto reside na saída que Paulo encontra para um enorme problema trazido por Onésimo, um escravo fugitivo e convertido à fé cristã. O que Paulo poderia fazer numa situação como esta? Ele poderia comprar o escravo e depois libertá-lo, ou então poderia simplesmente pedir que Filemon o perdoasse pela fuga e o recebesse de volta agora como alguém livre. Mas não é isso que acontece. Neste texto descobrimos que Paulo, mesmo dentro das limitações de seu tempo, queria ensinar algo ao amigo Filemon e, por extensão, a toda igreja. Ele nos fala aqui de um poder maior do que o militar, o econômico ou o político. Neste texto Paulo nos fala do poder do amor. No texto que acabamos de ler é possível encontrar pelo menos três verdades sobre o poder do amor.



Em primeiro lugar, o poder do amor acompanha a todos os que crêem em Cristo (v.5) No início da carta, já na saudação, Paulo agradece a Deus porque conhece não apenas a fé que Filemom tinha no Senhor Jesus, mas também conhecia seu amor por todos os santos, ou seja, pelos seus irmãos em Cristo. É preciso que sejamos capazes aqui de encarar o amor não apenas como um sentimento intimista e subjetivo proveniente do *mundo das idéias* de Platão, mas como uma realidade relacional concreta que produz gestos e atitudes igualmente concretas. Do verso 5 podemos responsabilmente deduzir que Filemom era alguém que tinha o costume de praticar e de exercitar este amor. O fato de que a fé e o amor estarem sendo citados juntos aqui aponta para a realidade de que esta nova condição relacional Deus>homem (realidade criada pela fé) não apenas é uma realidade (um ato) na vida de quem conhece a Deus, mas é também – potencialmente - gerador de uma nova vida vivida em amor a Deus e ao próximo.

As Escrituras falam desta possibilidade real que temos de amar ao próximo de uma forma bastante poética. Elas dizem que “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi outorgado” (Rm 5:5). Deste texto, e do exemplo de Filemom, concluímos que a prática do amor não apenas deve ser uma possibilidade, mas uma prática concreta esperada na vida de quem confessa que conhece a Deus.

Em segundo lugar, o poder do amor questiona as velhas estruturas (9-14) Por meio desta carta, particularmente entre os versículos 9 e 14, Paulo está pedindo, suplicando, implorando que Filemom reveja sua noção de autoridade. Ao pedir com tanta força, Paulo está procurando transformar *Imperium* em *Autoritas*, ou seja, ele sugere a Filemom que não exerça seu poder de soberano sobre Onésimo, mas que o receba ainda como seu escravo, exercendo autoridade sobre ele em função de sua dignidade. Embora na cultura judaica o escravo às vezes pudesse ser visto até como um membro da família, entre os gregos e os romanos não era assim. Pelo contrário, lá os escravos não tinham quaisquer direitos. Eles eram considerados como simples objetos, como coisas. Os escravos eram comprados e vendidos no mercado como gado. Seus filhos também eram considerados como propriedade do senhor. Caso um escravo fugisse e fosse recuperado, ele era marcado na testa, por meio de um ferro quente, com a letra “F” de *fugitivus*.

Ao pedir humildemente por Onésimo, Paulo está, de fato argumentando pela quebra da lei. Ele está sugerindo que a velha estrutura legal romana (o estatuto da escravidão) seja subvertida pela fé cristã. Esta subversão ocorre no momento em que Filemom transforma seu escravo Onésimo em seu irmão (v. 16). Ser irmão significa ter a mesma origem, o mesmo Pai, significa participar da mesma família e compartilhar os mesmos bens e dons. Admitir alguém como seu irmão implica em admitir não haver diferença essencial entre os dois.

Em terceiro lugar, o poder do amor constrói uma nova ordem social (15-17). Entre os versos 15 e 17 Paulo está não apenas se identificando com o escravo (“recebe-o como se fosse a mim mesmo” v. 17) mas atribuindo uma razão, um porque, um sentido a tudo o que havia ocorrido. Quando Paulo usa a expressão “a fim de que” no verso 15 ele está sugerindo que a providência de Deus transformara uma situação desconfortável para um senhor de escravos no primeiro século da era cristã,



em uma grande oportunidade. Onésimo, que em grego significa "útil", está finamente fazendo jus ao nome que tem. Os acontecimentos narrados nesta carta são úteis para ensinar aos cristãos de todas as épocas e lugares que uma nova ordem social pode ser construída. Em uma comunidade que se diz cristã (v.2) é preciso que haja espaço e lugar apropriado para a prática da reconciliação e do amor. Em Cristo não há separação, segregação, ou diferenciação. Todos somos irmãos independentemente de nossa condição social, nossa cor, etnia ou condição sexual.

Infelizmente (convenientemente?) os cristãos que vieram depois de Paulo aparentemente não compreenderam muito bem as conclusões lógicas do que ele estava propondo. Havia muitos escravos naquele período. Estima-se que em meados do primeiro século da era cristã eram quase sessenta milhões de escravos no Império Romano. Com tantos escravos assim era necessária muita rigidez, vez que o escravo era visto como um perigo em potencial. A lei romana punia severamente a rebelião. Caso um escravo matasse seu senhor, todos os escravos da casa deveriam ser mortos. Em 61 d.C., o prefeito de Roma *Pedanius Secundus* foi morto por um de seus escravos. Para se cumprir a lei, o Senado determinou que 400 escravos, entre homens, mulheres e crianças, fossem mortos. Infelizmente (convenientemente?) os cristãos que vieram depois de Paulo aparentemente não compreenderam muito bem as conclusões lógicas do que ele estava propondo. Ser cristão, significa amar; ser irmão implica em receber e acolher; receber a Cristo como Senhor significa rejeitar todos os modelos, padrões e paradigmas que excluem, humilham e destroem, para receber um outro, que se baseia no serviço mútuo. Oxalá fossemos capazes de manter nossas mentes livres destes modelos mundanos (Rm 12:1, 2) e reconhecêssemos ser apenas servos uns dos outros. (Gl 5:13) (JLFA)

### **Santo Evangelho – Lucas 14.25-33**

As multidões que seguiam a Jesus foram advertidas no sentido de que tal seguimento implica na ruptura com o estilo de vida dominado (ou tirania) pelos bens materiais e status sociais. É a questão da libertação do estilo de vida exclusivista e conversão para o estilo de vida inclusivista, seguindo o caminho marcado pela doação da Cruz confirmada, reconhecida e liberado pela ressurreição de Jesus. O Espírito Santo atualiza e renova em nós e no mundo o que foi liberado na ressurreição. Não se trata de aceitar uma vida de sofrimento resignado ou de lavar o chão todos os dias quando não se exige dele ou dela essa forma de vida. É a capacidade de doação que vem da união com Cristo que fez a suprema doação. Essa vida de doação toma forma diversificada conforme o contexto em que se vive.

Vs.26 Se alguém vem a mim sem me preferir (amar mais ou aborrecer, em algumas versões) ao seu pai...

Vs. 27 Aquele que não carrega sua cruz...

Vs. 28-32 É preciso considerar cuidadosamente se está preparado para a caminhada

Vs. 33 qualquer que não renuncia...



Sem essa preferência do amor voluntário de doação exposto no vs. 27 haverá impedimento ao discipulado. O discipulado tem seu custo. É a graça não barata. Esses dizeres e a parábola dos vs.28-32 são precedidas pela metáfora do Banquete em que todos foram convidados. A festa tem essa dimensão de compromisso. Não se trata de mera participação sem compromisso.

Vs 28-32. A primeira estória é inspirada em Is 5.2ss. A casa e vinha são figuras de Israel. A segunda parece referir-se à estória de Sempronio, general romano, que investiu contra Aníbal sem um exército adequado.

As multidões que correm atrás de Jesus devem levar em consideração o discipulado total antes de fazer a caminhada com Ele. Jesus não veio oferecer uma coisa fácil.

Nas três leituras vemos que a fé implica na transformação do padrão de relacionamento entre as pessoas. (ST)